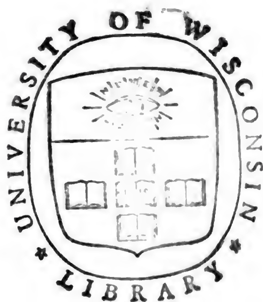
O CLERO E O SR. ALEXANDRE HERCULANO

CASTELLO BRANCO


UNIVERSITY OF WISCONSIN
LIBRARY

[CASTELLO BRANCO, CAMILLO]

O CLERO

E O

SR. ALEXANDRE HERCULANO.



LISBOA.
Imprensa de Francisco Xavier de Souza;
Rua da Condeça N.° 19.

1850.



O CLERO E O SR. A. HERCULANO.

É lida, com fervoroso interesse e applauso, a carta communicada pelo Sr. Alexandre Herculano ao E.^mo Cardeal Patriarcha de Lisboa.

Não ha espiritos de controversia, nem refutações a esperar. Rebatido um argumento, como lá se vê, é assim que se remata uma questão.

Verdade, sentimento, historia, e poesia — são a contextura de — Eu e o Clero. É um triumpho; mas o vencedor, no arraial dos vencidos, olha compassivo os pedaços da hoste desbaratada, crusa os braços, e exclama: — « Coitada da ignorancia!. . . »

Quizeramos chamar ao Sr. Herculano o facho illuminador de prestigios aposentados na escuridade intellectual do maior numero de portuguezes. . . . mas — nada de lisonjarias — muito tempo ha, que um compendio d'historia, sem dizer-nos o porque, duvidava da apparição de Christo ao fundador da

o affrontamento ao mysterio da Eucharistia. Os padres, que o accusassem na alçada competente eram convictos de visionarios, pagavam as custas, e o réo absolvido, vinha, contente do seu optimo raciocinio, rever-se nas paginas independentes da sua preciosissima *historia de Portugal.*

Mas não é este o tempo das submissões espontaneas, nem os brios do muito saber do Sr. A. Herculano consentiam que a egreja se irrogasse uma censura sobre os seus escriptos: de certo não — que bem claro o diz elle: « O meu intuito é apenas « rogar directamente a V. E.ma, e indirectamente aos « demais prelados de Portugal, a cujas mãos che- « gar esta carta por intervenção da imprensa, que « obstando a novas provocações da parte do clero me « poupem a dar uma dura lição. . . » Por consequencia, a orthodoxia da sua obra decidiu-a o seu author: o que elle não quer é provocações de pulpito, malfeitas por padres de quem o Sr. A. Herculano *se não lembra, por que tem cousas mais serias em que cogitar.*

Esta perdoavel liberdade de ameaçar — isto que parece um risonho despotismo de sabio, mas que não passa de *uma justa indignação,* lá é mais adiante amenisado de frazes pias, mansas, e verdadeiramente christãs.

« Se eu tivesse proferido alguma heresia, os pre- « lados portuguezes e em particular V. Ema, como « meu pastor, não seriam capazes de faltar aos seus « mais estrictos deveres, deixando de me advertir « do erro com caridade evangelica, e de me con- « demnar se eu insistisse nelle. »

D'aqui infire-se não uma hyronia de mediana intelligencia; mas a sensatez de quem conhece as im-

perfeições dos juizos humanos — embora o Sr. Herculano, uma pagina antes, affirme *que a sua rosolução inabalavel é desprezar todos os respeitos humanos que se contraponham á voz da propria consciencia*. Mas se o illustre historiador, da altesa dos seus juizos, absolve as obras da sua consciencia, como poderiam prelados portuguezes advertil-o do erro com caridade evangelica, e, de mais a mais — condemnal-o! ?

Quando, ha quatro annos, appareceu o 1.° volume da *Historia de Portugal*, e, um anno depois, o 2.°, houve um egresso, que, do pulpito de uma das egrejas de Braga, condemnou d'irreligiosa a opinião do profundo historiador a respeito da apparição de Christo a Affonso Henriques — e da crueldade com que por ella eram tratados Gregorio VII e Innocencio III.

O bom do frade que amava os bons escriptos dos grandes homens, é natural que pedisse emprestados os livros do Sr. Herculano, para os lêr. Pode ser que a alma do egresso, desvalido na actualidade, pascesse nas grandezas do passado o alimento espiritual das crenças; e quem sabe mesmo se ellas mais fundas lhe reviveram no coração quando em algures encontrára estas consoladoras palavras do Sr. A. Herculano:

«. . . Dessa frouxidão dos laços sociaes nasceu
« a nação portugueza. . . . Mas os seus primeiros
« dias foram tempestuosos; e no modo porque esta
« planta debil e tenra pôde escapar ás repetidas pro-
« cellas, que a cercavam nos seus primeiros dias de
« vegetação, descobrem os olhos mais incredulos a
« mão da Providencia!! (1) Quem sabe! ?

(1) *Panorama* — Vol. 2.° — Serie 2.ª — Pag. 10.

O egresso cria piedosamente no milagre. Comparando os dias de hoje com os de Julho de 1139, parecia-lhe que o braço visivel de Deus abençoára este solo como herdade de christãos, — outo seculos depois, — vasto sepulcro dos envilecidos ministros do Christianismo. Coitado! — urgia-lhe, talvez, a necessidade de um bocado de pão, que a philosophia lhe não esmolava, e verteu sobre um auditorio que o não entendia, um pouco daquelle absynthio amargo, justo, e sancto como o do coração de um martyr.

De mais, o frade, que recebêra alguma educação no convento, lêra com bons humores a biografia dos Pontifices Gregorio VII e Innoceneio III. Víra que n'estas duas cabeças visiveis não moravam *sómente intelligencias corruptas, cobiçosas, e violentas.* Escandalisou-se na sua boa fé, e quiz talvez dizer — que Gregorio VII era citado, por epithetos degradantes, e impiamente offensivos á moral religiosa, a comparecer no seculo 19: — a elle papa, que, possuido de todo o zello da sua dignidade celeste, guerreára animosamente a prepotencia que os imperadores do occidente — durante o pontificado de Alexandre II, tentaram exercer sobre a investidura, meramente divina, dos prelados nos bens espirituaes de seus territorios. Quereria dizer que o religioso e sabio pontifice, presidindo a um dos concilios romanos, convencêra, e convertêra o herege arcediago *d'Angers*, que atacava o dogma da Eucharystia. É crivel que a boa fé do frade colorisse as guerras de guelfos e gibelinos com a tintura mystica da Religião; e, fazendo-o, não teria decerto quem por lá o convencesse do contrario. Possuindo-se talvez do en-

thusiasmo religioso das primeiras conquistas da Terra-Sancta, exaltaria Gregorio VII, que primeiro concebêra o informemente grandioso plano das cruzadas. O seu *Racine* ter-lhe-hia dito que as virtudes de Gregorio eram as do homem de purissimos costumes, não obstante algum delicto a que o forçassem as desordens da egreja allemãa, as invectivas traiçoeiras dos imperadores, e as falsas decretaes de seu antecessor. . . . . A respeito de Innocencio III, caracter similhante ao de Gregorio IX — que não pensaria de bem o franciscano, recordando-se que, durante o seu pontificado, nasceram as quatro primeiras ordens mendicantes, ás quaes realmente pertencia o egresso, pobre de tudo, rico sómente de crenças e amor de Deus?

Esta é a noticia da primeira aggressão que magoou o Sr. Herculano. Julgou primeiro S. S.ª que isto não passára de um *impulso de fanatismo individual*; mais tarde, occorrencias da mesma natureza *desenganaram-n'o de que o facto pertencia a um systema organisado d'aggressão*. Humildemente aqui diremos que não é o segundo juizo que prevalece. Os pedaços dispersos desse vulto odiado, chamado o velho clero dos mosteiros, só a mão do SENHOR poderia reunil-os para se organisarem em systema d'aggressão ao Sr. Herculano. Os que não expiraram indefesos, ou em defesa, perderam á força de comprimidos e annulados a propria consciencia da sua importancia de homens: uns acabam, vivendo das sopas de um parente, e outros mendigando pelas aldeias do norte o alimento que lhe não dá a parca esmola de uma missa. Destes ellementos não se organisa um corpo systematico de aggressão lit-

teraria; nem as astucias sanguinarias da politica podem contar com elles para resarem um *de profundis* sobre o cadaver da victima que expirou na lucta. Para esses é morta a esperança de melhorarem nesta vida: vivem para depois do tumulo, onde não ha o roubo e a penuria, nem a mentira das promessas que lhes ha feito a

Religião, do misero conforto,
Abrigo extremo da alma que ha mirrado
O longo agonisar. . . . .
Da deshonra, do exilio, ou da injustiça. . . (1)

Trez partes do paiz ignorava a publicação da *Historia de Portugal*. Infelizmente. Muitas que fossem n'ella as heresias não era de temer que o contagio affectasse a consciencia do povo para quem o prestigio religioso é mais real de veneração que os codigos civis e criminaes.

O livro, que repellia de si a existencia de um milagre tradiccional, foi o pregão de um padre que o denunciou. Este milagre era querido do povo, sempre apaixonado pelo maravilhoso: — deram-lhe no espirito impressionavel uma sensação tristissima com uma tal novidade. Quererem expolial-o assim da sua herança de crenças — dizerem-lhe pela boca indignada do clero — que a apparição do Christo no berço d'esta terra, fôra um serzido de mentiras fradescas; e, por fim, mostraram-lhe o sudario de torpezas em que dormiam o somno eterno dous representantes de Deus na terra. . . tudo isto, não escri-

(1) O Sr. A. Herculano — A Arrabida.

pto assim, mas pintado na tella quebradiça da rudesa do povo, era que forte accusação d'impiedade, para que o nome do Sr. Herculano descesse do pulpito como uma dessas apostrofes colericas a Satanaz na tarde de *sexta feira de paixão.*

Pésa, por tanto, severa responsabilidade sobre o primeiro orador que denunciou ao bom auditorio de Braga a abolição do milagre, ou da *tradicção absurda*, ou *fabula do apparecimento de Christo*, como lhe chamou o Sr. Herculano.

Tão alto no seu estylo como despegado das intelligencias vulgares, aquelle excellente escriptor não escrevêra historia para este nosso povo de coração inculto, e desfallecido d'espiritos religiosos. Ninguem me diga que o saudoso cantor do vivo crer de nossos avós — n'uma época de desalento e immoralidade, tentára accercar-se das multidões ignaras para convêncel-as do *milagre absurdo e inutil do apparecimento de Christo!*

Não. O Sr. A. Herculano disséra em 1843: « Pobres, fracos, humilhados, depois dos tão formo« sos dias de poderio e renome, que nos resta senão « o passado? Lá temos o thesouro de nossos affectos « e contentamentos em quanto no presente só acha« mos vacuo e tristeza. Esqueçamo-nos pois delle, e « vivamos vida melhor, a de nossos avós. (1) »

E quaes affectos e contentamentos são os do povo? As victorias de Cambaia? As cutiladas prodigiosas d'Aljubarrota? As paixões adulteras de Leonor Telles? O decoro monarchico de Sancho II e Affonso VI?

(1) *Panorama* citado.

O povo ignora esse passado de más recordações. *Affectos e contentamentos* sorriem-lhe a elle por detraz do vaporoso das tradições, onde incensa o sublime religioso. — Affonso Henriques, prostrado em face de Christo, recebendo alentos do céo para o desbarate de cinco reis mouros — é tudo o que o povo contava da historia de outo seculos.

O Sr. Herculano sabe verdadeiramente o que isto é; e em prova do seu grande amor pelos affectos gravados no coração do que se abraça ás crenças da infancia, o Sr. Herculano graciosa e caridosamente diz: «Se Deus podesse fazer milagres «absurdos e inuteis como o da apparição, eu pre- «feriria ver-me convertido em cerzidor e carpidor «de farrapos parencticos a ter de accusar-me de «uma acção, que não sei qual seria mais, se cobar- «de, se desapiedada.»

Vêde como bem se exprime a erudição generosa, quando um ancião respeitavel, visitado, nos ultimos dias da vida, pelo livro do Sr. Herculano, encontra ahi desfeitas as illusões de sua alma — essas que suavemente o despediam deste mundo — a elle que, no ir-se para Deus, as legaria intactas a seus filhos! O ancião, dorido d'este triste desengano, escrevêra votando, supplicando a conservação do milagre. O Sr. Herculano, porém, soffreando o *seu amor proprio*, como ainda mais modestamente diz, evitou que os *apupos do publico a um pobre velho*, derramassem a afflicção sobre o leito doloroso do decrepito enfermo e angustiado.

S. S.ª previu a peior face do porvir.

Quem sabe se o publico apuparia as crenças do velho? E quem pode crer que o escriptor honesto

escrevesse chocarrices, que o publico decorasse, para apupar o pobre velho no leito da dôr?!

Como é bello repetir estas palavras do Sr. Herculano escriptas em 1843: «.... Mas a monarchia « portugueza estava decretada na mente de Deus. Es- « te paiz cujos destinos eram conquistar para o Chris- « tianismo e para a civilisação tres partes do mun- « do, devia ter em recompensa unicamente a glo- « ria.» (1)

E como é desconsoladora a asperidão d'estas outras escriptas em 1850: « Á excessiva devassidão e « bruteza d'aquelles tempos de trevas uniam *(os da « idade media)* uma crença fervorosa confundida com « superstição extrema.» (2)

Mal hajam os que foram colher espinhos de um espirito fecundo, que só brotára flôres! Máo fim terão os que não deixaram passar fechada, entre os que criam, a *Historia de Portugal*! Porque não vedaram ao povo esse thesouro de axiomas, como lhe é vedada a educação, que deveria preceder o *fiat lux* do Sr. Herculano?

Ahi estão jornaes litterarios e politicos assoalhando a punição do clero: — e que lucram d'aggravar o escandalo, se uma pagina do proprio preceptor anniquilla as campanudas tiradas dos innocentes mentirosos do seculo XV?!..

D'hora em diante, ninguem fallará em *Symmytica Lusitana*, nem no additamento 6.ª lição do *Officio das Chagas*. Até aqui é crivel que o E.^{mo} Patriarcha, como outro qualquer padre, ignorasse as razões

(1) *Panorama* citado.
(2) *Eu e o Clero — Pag.* 12.

percucientes que o Sr. Herculano tinha para fulminar a refutação do clero. O author da *Historia de Portugal* tudo explica ao seu prelado, explica-lh'o, e depois termina: « Agora *(honra seja feita á prom-* « *pta intelligencia do prelado !)* está V. E.ma habi- « litado para avaliar se eu procedi com circumspec- « ção, guardando silencio ante as refutações, que se « me dirigiam pela imprensa. »

Taes refutações teriam mais pezo na critica dos prelados portuguezes que a nota rasoavelmente descrida da *historia de Portugal*? Não é bom de decidir o que vai na intelligencia dos outros, mormente na do E.mo cardeal patriarcha, sem que a defesa do clero, subscripta pelo prelado, tenha respondido ao Sr. A. Herculano.

Defesa — dissemos nós; porque se houver quem nos convença da incompetencia da censura fulminada por um historiador sem jurisdicção canonica, convença-nos tambem, de que o prelado metropolitano acquiesceu ás invectivas do pulpito, desde o momento que ellas soaram livres, segunda e terceira vez, nas assembléas catholicas.

Á custa mesmo da resignação que é mister para opinar reflexões desfavoraveis ao Sr. Herculano, é forçoso para honra do alto clero, que um tal silencio tenha um brado, frouxo que elle seja, em abono dos tres ou quatro, ou centenares de padres, por mesquinha desventura sua, *cerzidores de farrapos de sermões velhos, inimigos figadaes da lingua, da grammatica, e do senso commum* — como gratuitamente os baptisou o Sr. Herculano. — Vai nessa desigual, mas conscienciosa replica do clero, o interesse da religião, o symptoma da vida sacerdotal, e o ressen-

timento de milhares de ministros do altar. Vai tambem, no desforço do clero, maior cumulo de gloria para o Sr. Herculano, cujas palavras, desperdiçadas pelas summidades do clero, não irão com toda a sua gravidade, desmentir o egresso de Braga, o guerrilheiro do Alemtéjo, ou o padre, que imprudentemente accusou o *herege* na sua mesma parochia. Quizeramos que, senão a eloquencia, ao menos o zêlo christão, decidisse entre o completo triumpho do Sr. Herculano, e estas suas palavras: «Omitti a fabula « do apparecimento de Christo, como cousa indigna « da gravidade da historia, e sob certo aspecto de« masiado irreverente para com o sublime fundador « do christianismo.

Convinha pedir a Samuel, a Esdras, a Daniel, e Josias uma explicação destas irreverencias que o proprio Deus se impunha.

A passagem do mar vermelho. A voz do Eterno no alto do Sinay. A suspensão apparente do sol á voz de Josue. O Lazaro que se ergue do tumulo. O Altissimo, que quebra a pedra tumular, no seu erguer-se para o seio do Padre-Eterno. . . — Aos olhos do religioso, que sente compungido a humildade do manso cordeiro, não passaram por irreverentes para com Jesus-Christo os actos sobrenaturaes do seu longo martyrio como homem, e, como Deus, os da sua Omnipotencia.

Mais: quizeramos do clero a expressão rigorosa do *milagre absurdo*, para attingirmos o espiritual subtil da nomeada que o Sr. Herculano adduz á tradicção d'Ourique. Se o *absurdo* contivesse apenas a contradicção comsigo mesmo, ou a opposição com o senso commum, não haveria aqui bastante assump-

to de riso, ainda mesmo *que os adversarios* do Sr. Herculano, *tivessem sustentado com boas razões* historicas o *milagre da apparição*!! É que não ha penetrar sem o raio visual de luminoso talento a intima idéa da expressão que o profundo escriptor adapta, não diremos ao milagre, mas á hypothese do milagre.

E, com tudo, se a religião está ferida nos seus prestigios, não haverá fatalmente quem, d'entre o clero, lhe ministre o balsamo do raciocinio puro, estreme e despreoccupado de hypocrisia?

O clero!... esse, a estas horas, envergonha-se da sua mesquinhez, ou acobarda-se na afflictiva situação de quem já sabe que as suas razões serão apupadas nos gremios, nos jornaes, e nos botequins. Os privilegios do talento são admiraveis e muitos: vejam-n'os no Sr. Herculano, que, detraz da sua cortina pythagorica, despediu em harmonia d'eloquentes verdades, o seu folheto tão lido e perfumado em oblações de publico enthusiasmo! Na sua acrimonia de palavras ervadas e dolorosas não transsuda dureza de coração no Sr. Herculano; não é tambem caridade o que ellas nos revellam, mas bem póde ser que d'ahi venham utilidades ao sacerdocio. As maximas dos grandes homens obram o seu effeito, cincoenta annos depois de promulgadas.

Entretanto, não sabemos o que é que tanta compaixão nos implora para a desconsiderada classe dos padres Catholicos em Portugal! É talvez aquelle caridoso sentir do Sr. Herculano, quando, sentado no limiar do egresso, nos dizia as miserias, que lá negrejavam no passadio do infeliz, a quem os philosofos da liberdade esmolavam o sarcasmo e a vilania!.................................

. . . .
Tristes e profundas são as nossas convicçoes. O padre magestoso na sua missão como um symbolo de Deus — não o é já! Arvore desmedulada e coroida no tronco, uma ou outra fronde virente, não dá já sombra para o abrigo do que procura na terra o delegado do ceo. Tambem com este olhar lacrimoso de nossa alma *vemos a egreja envolvendo a fronte no veo da sua immensa tristeza.* Queremos aspirar desse porvir glorioso para ella; mas, diz-nos a consciencia que murchas flores serão as da grinalda com que esta geração religiosa e poeta lhe corôar a fronte desanuviada! — Este descahir desamparado aggrava-o o desalento de quem devêra chorar sobre Jerusalem antes das suas ruinas. . . Soam-nos ainda aqui os canticos esperançosos de quem não previra este futuro. O Sr. Herculano promettêra-nos a regeneração da boa moral pela observancia das virtudes christã. Fallecem d'esperar os que anceiam esse dia. . . Esperar! de quem? Do Sacerdote! . . . esse deprimem-n'o, ou despresam-n'o; e, nesse abandono a si mesmo, a immoralidade acaricia-o no seu desterro e presta-lhe o regaço que a sociedade lhe não dá.

Ha um homem em Portugal que parecia altear a crúz no cimo do seu fastigio. Foi o Sr. Herculano quando o clero amollecia no seu maldito descoroçoar. D'um tinhamos a esperar quantas esmolas o sabio religioso póde favorecer a espiritos tremidos na fé, e desalentados na esperança. . . D'outro que tinhamos? por ventura a probabilidade de regenerar-se com o progredir do Christianismo na sua applicação a todos os pensamentos politicos e actos humanos.

« Feliz a intelligencia vulgar e rude que segue

« os caminhos da vida com os olhos fitos na luz e
« na esperança, postos pela Religião além da morte,
« sem que um momento vacille, sem que um mo-
« mento a luz se apague ou a esperança se desva-
« neça » (1).

Esta felicidade tão bem comprehendida por o Sr. Herculano, não era a sua, porque não é a da alma queimada pelo sopro arido da sciencia — « Co-
« mo a florinha do campo a alma por onde passou
« a procella da philosophia, esse turbilhão transito-
« rio de doutrinas, de systemas, d'opiniões, d'argu-
« mentos, pende desanimada e triste; e na claridade
« baça do sceptycismo, que torna pesada e fria a
« athmosphera da intelligencia, não póde aquecer-se
« aos raios esplendidos do sol d'uma crença viva » (2).

Sentimo-lo tambem nós os que lêmos a carta do Sr. Herculano.

Descremos as virtudes religiosas de nossos avós, por que o Sr. Herculano nos disse *que á excessiva devassidão e bruteza d'aquelles tempos de trevas uniam uma crença fervorosa confundida com superstição extrema.*

Descremos do Catholicismo porque *Roma jurou nas aras de Jupiter Stator o seu exterminio.*

Descremos do triumpho regenerador das virtudes christãs, por que a egreja, *sentindo humedecer-lhe os pés o sangue humano vertido pelo ferro sacerdotal contempla aterrada o futuro.*

Melancolico é o baço clarão de sciencia que vem fulgir-nos ao espirito a luz do *Eu e o Clero*. Verda-

(1) *Panorama* vol. 2.° serie 2.ª pag. 282.
(2) *Panorama* citado.

des amargas não as dulcificam as bellezas da dicção: — ficam, fundem-se, e entalham-se na alma, porque é o Sr. Herculano o que as diz.

Em fim, d'isso que ahi está, não escripto por clero, nem fanatico, tirai uma conclusão que nos não dóe: — *E' nas cabeças vãs de sciencia que o Sr. Herculano gera o embrião do sceptycismo.* Mas — vós, sabios que o dizeis! — vêde que em Portugal, infelizmente, a vossa sciencia não a tem muitas cabeças... E, se podeis — fazei-a valler...

Dai-nos a felicidade.

ERRATA.

Pag.	*Lin.*	*Erro*	*Emenda*
9	10	Onde se lê Gregorio IX	Deve lêr-se Gregorio VII







